

KEILA DOS REIS VIEIRA

**ALFABETIZAÇÃO: um processo de compreensão do sistema de  
escrita da língua materna pela criança**

**Goiânia, 2021**

KEILA DOS REIS VIEIRA

**ALFABETIZAÇÃO: um processo de compreensão do sistema de  
escrita da língua materna pela criança**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, na Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob a orientação da Profa. Dra. Salete Flôres Castanheira

**Goiânia, 2021**

**KEILA DOS REIS VIEIRA**

**ALFABETIZAÇÃO: um processo de compreensão do sistema de escrita da língua materna pela criança**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

**BANCA EXAMINADORA**

**AVALIAÇÃO**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Salete Flôres Castanheira

---

NOTA

Conteúdo: (até 7,0)

Apresentação oral: (até 3,0)

---

Examinadora: Profa. Doutoranda e Ms. Pollyana Rosa Ribeiro

---

NOTA

Conteúdo: (até 7,0)

Apresentação oral: (até 3,0)

---

MÉDIA

Goiânia, 08 de dezembro de 2021.

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, por ter me dado capacidade para desenvolvê-lo. A todas as pessoas que contribuíram ao longo da minha trajetória acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Cleuza dos Reis Vieira e ao meu pai, Valdinar dos Reis Vieira, por terem me educado para a vida e vibrarem com o direito de concluir o Ensino Superior!

À minha filha, Maria Eduarda, pela presença em minha vida.

À minha irmã, Dára, amiga e companheira presente em todos os momentos.

Ao meu namorado, Vitaliano Batista, pela parceria, paciência, confiança e força.

À amiga Diane Valdez, que sempre apoiou e torceu por mim.

A todas(os) professoras/es que contribuíram com minha formação acadêmica durante estes anos na PUC/GO, em especial a: Norma Aparecida, Rita de Cássia, Rodrigo Fidelis e Frederico Dourado.

Às minhas colegas de turmas, Anna Maria Campos e Indiely Flores, pelos anos de convivência que ficarão em minha memória e minha história.

À querida professora Pollyanna Rosa Ribeiro, por integrar a banca examinadora e por inspirar o tema dessa pesquisa com suas excelentes e comprometidas aulas.

À admirável professora Salete Flores Castanheira, por seu profissionalismo, competência, auxílio, cuidado acadêmico e afetivo na orientação desse trabalho.

## RESUMO

Keila dos Reis Vieira \*  
Salette Flôres Castanheira\*\*

O presente Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, faz uma revisão das abordagens da alfabetização, dos tradicionais métodos à psicogênese da língua escrita. Estuda a construção do princípio alfabético para além do processo fônico, de cunho mecanicista. Desenvolve conceitos inerentes ao princípio alfabético, como a consciência fonológica. Aborda a alfabetização em processo, repensando a sala de aula, com base no conhecimento científico que implica a formação docente. Apresenta propostas de organização da sala de aula a partir da construção do ambiente alfabetizador e algumas sugestões de atividades que possam contribuir com a sistematização da leitura e escrita para além dos métodos, ou receitas prontas. Utiliza da pesquisa de referências, documental, bibliográfica, e de bases eletrônicas. A fundamentação teórica teve como aportes: Soares (2019), Piletti (2018), Ferreiro (2010), Cagliari (2009), Carvalho (2009), Castanheira (2007), Adams (2005) Moraes (1996), dentre Outros.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Psicogênese da língua escrita. Formação docente.

---

\* Acadêmica do Curso de Pedagogia da PUC Goiás.

\*\* Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Orientadora.

## LISTA DE FIGURAS E ATIVIDADES

Figura 1 - Exemplo do método analítico, processo de palavrção.....	13
Figura 2 - Sugestões de quadros de chamada.....	33
Figura 3 - Meses do ano .....	36
Figura 4 - Calendário Anual tradicional .....	36
Figura 5 - Calendário mensal .....	37
Atividade 1 - Diferentes gêneros textuais .....	23
Atividade 2 - Poema "As Borboletas" .....	24
Atividade 3 – Trava-língua .....	25
Atividade 4 – Jogo da memória de rima .....	26
Atividade 5 - Parlenda .....	27

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 – COMPREENDENDO A EVOLUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO: DOS MÉTODOS À PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA.....</b>	<b>12</b>
1.1 ALFABETIZAÇÃO: A QUESTÃO DOS MÉTODOS, LETRAS E FONEMAS.....	12
1.2 A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: REINVENTANDO A ALFABETIZAÇÃO .....	14
<b>CAPÍTULO 2 – COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA MATERNA PELA CRIANÇA .....</b>	<b>20</b>
2.1 A CONSTRUÇÃO DO PRINCÍPIO ALFABÉTICO: CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, CONCEITOS E HABILIDADES .....	20
2.2 A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: O QUE O PROFESSOR PRECISA SABER .....	27
<b>CAPÍTULO 3 – ALFABETIZAÇÃO EM PROCESSO: A SALA DE AULA.....</b>	<b>31</b>
3.1 AMBIENTE ALFABETIZADOR .....	31
3.1.1 Chamada .....	32
3.1.2 Meses do ano, calendários mensal e semanal .....	35
3.2 ALFABETO MÓVEL .....	40
3.3 ATIVIDADES DIVERSIFICADAS .....	41
3.3.1 Poema.....	41
3.3.2 Grupos Semânticos.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

A matriz curricular do curso de Pedagogia da PUC-GO prevê dois semestres consecutivos para construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O trabalho monográfico que se realiza nos 7º e 8º períodos, Monografias I e II, respectivamente, tem como objetivo oportunizar aos acadêmicos o senso de investigação crítica, por meio de pesquisas e leituras, propondo incursões mais verticalizadas sobre o tema proposto visando a sistematização dos estudos.

O TCC intitulado “Alfabetização: um processo de compreensão do sistema de escrita da língua materna pela criança” foi sendo definido ao longo dos estudos, das disciplinas que me despertaram para o tema. Formar professores alfabetizadores é tarefa para ontem, pois, são eles responsáveis pelo pilar de sustentação da qualidade da Educação Básica: a alfabetização.

Sabemos que o objeto da alfabetização é o ensino da escrita e da leitura. O domínio das ações de ler e escrever é fundamental quando se pensa na participação ativa do cidadão na sociedade, na política, na economia. É inegável a relevância do aprendizado da leitura e escrita na vida do ser humano.

Ler, no sentido pleno, vai muito além da decodificação dos símbolos escritos, das letras, palavras e frases soltas. É preciso compreender esse conjunto para dele extrair o conteúdo, processo que se inicia na alfabetização. Há uma associação direta entre as deficiências na alfabetização e as dificuldades de leitura, o que acarreta o analfabetismo funcional.

O problema do analfabetismo funcional no Brasil, compreendido como a incapacidade de realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases, é uma triste realidade. O indicador de Alfabetismo Funcional de 2018, elaborado pelo Instituto Paulo Montenegro, revelou que apenas 12% dos brasileiros com mais de 15 anos são proficientes em leitura e 29% são analfabetos funcionais. O direito à aprendizagem foi negado a estes sujeitos, que sentem na vida real o peso exclusão social (INSTITUTO, 2018).

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, estabelece “a educação como direito de todos”. Em consonância com esse dispositivo, o art. 32 da Lei nº 9.394/1996, define como um dos objetivos do Ensino Fundamental,

“o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo”. (BRASIL, 1988, 1996).

Também a Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017, que institui e orienta a implantação a Base Nacional Comum Curricular - BNCC - estabelece, em seu art. 12, que:

[...] no primeiro e no segundo ano do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, de modo que se garanta aos estudantes a apropriação do sistema de escrita alfabética, a compreensão leitora e a escrita de textos com complexidade adequada à faixa etária dos estudantes. (BRASIL, 2017).

Embora a legislação trate desse direito, na realidade não é o que ocorre. Ainda não são desenvolvidas políticas públicas que cumpram o que está na lei, o que acentua a relevância do tema, especialmente quanto tratamos da formação de alfabetizadores para além dos modelos prontos, dos guias. Será que os alfabetizadores estão preparados para atuarem nesse processo com conhecimento, para construir sua própria prática? Ou aguardam guias técnicos, para se sentirem mais “seguros”? Mais grave, será que não acabam desenvolvendo práticas ecléticas, o que revela uma inconsistência teórica?

Aqui cabe uma alerta de Paulo Freire: “a teoria sem a prática é puro verbalismo inoperante, a prática sem a teoria é um ativismo cego” (FREIRE, 2006). O ecletismo vai de encontro a uma concepção política do trabalho docente, sem conhecer a natureza do seu objeto de trabalho, sem compreender a relação homem e sociedade, sem conhecer o papel da educação e consequentemente o seu papel como educador e alfabetizador.

Ao longo do Curso de Pedagogia, várias disciplinas permitiram refletir sobre a base teórica para ser um educador competente, isto é, no sentido de estar ciente do seu compromisso social e político, especialmente a disciplina de Aquisição de Linguagem I, II e III. Essas disciplinas ao tratar do tema evidenciaram-se a necessidade do protagonismo da alfabetização na formação do pedagogo. O interesse em investigar uma formação para além do tradicional e compreender o processo de construção da língua materna pela criança foi se fortalecendo, ao lado de um repertório teórico das referidas disciplinas, estabelecendo o marco inicial para a construção do problema.

Compreendendo a importância da formação de professores alfabetizadores como alicerce dos anos iniciais do Ensino Fundamental, base

para a formação de produtores de textos e de leitores com pleno domínio da leitura, este tema é, sem dúvida, um desafio a ser enfrentado. Quais saberes um alfabetizador precisa dominar, ou seja, qual o rigor teórico que implica sua formação para que possa contribuir com a alfabetização enquanto um processo de compreensão do sistema de escrita da língua materna pela criança?

A partir desse problema, outras questões se colocam: o que significa alfabetizar? Qual o conhecimento necessário para que o professor possa compreender a alfabetização como um processo de construção do sistema de escrita da língua materna pela criança? Existe uma proposta pedagógica que possa contribuir com esse processo?

Para tentar responder a essas perguntas, este trabalho buscou subsídios em múltiplas fontes documentais e bibliográficas. O resultado está exposto em três capítulos.

O primeiro, intitulado “Compreendendo a evolução da alfabetização: dos métodos à psicogênese da língua escrita”, trata de um estudo sobre os tradicionais métodos de alfabetização e suas implicações pedagógicas, evoluindo para a psicogênese da língua escrita, proposta construída pela pesquisadora Emília Ferreiro, ainda na década de 1980.

O segundo capítulo, “Compreendendo a construção da língua materna pela criança” aprofunda as pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita, tendo em vista a construção do princípio alfabético: a consciência fonológica, conceitos e habilidades. Com foco no problema, apresenta algumas reflexões sobre a construção da consciência fonológica: afinal o que o professor precisa saber para orientar sua prática pedagógica com base no conhecimento teórico? Como distinguir a construção da consciência fonológica do tradicional método fônico?

Já o terceiro e último capítulo, “Alfabetização em processo: a sala de aula”, representa um esforço intenso da autora de refletir criticamente os estudos realizados a fim de compreender a alfabetização como processo, pensando na sua atuação como futura alfabetizadora. Assim, ratifica os capítulos anteriores, recuperando a base teórica que implica a formação docente para que possa contribuir com a alfabetização. Para isso apresenta propostas de organização da sala de aula a partir da construção do ambiente alfabetizador e algumas sugestões de atividades que possam contribuir com a sistematização da leitura e escrita para além dos métodos, ou receitas prontas.

## **CAPÍTULO 1 – COMPREENDENDO A EVOLUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO: DOS MÉTODOS À PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA**

### **1.1 ALFABETIZAÇÃO: A QUESTÃO DOS MÉTODOS, LETRAS E FONEMAS**

Discutir por qual método deve-se alfabetizar uma criança foi, por décadas, e ainda é, uma questão da “melhor forma”. Mesmo com a evolução de estudos, pesquisas e teorias, os métodos nunca foram abandonados e foram se desmembrando em diferentes processos.

Os métodos de alfabetização mais conhecidos são os sintéticos e analíticos, popularmente denominados de tradicionais. Neles, o complexo problema da construção do sistema da língua materna é tratado a partir de uma abordagem mecanicista. O grupo de teóricos pertencentes a essa corrente, é chamado de behaviorista, em sentido mais amplo, porque concebe o conhecimento como algo que provém de fora, sendo o objeto um dado externo que deve ser absorvido pelos indivíduos de modo mecânico. Os métodos apresentam etapas operacionais que devem ser seguidas pelo professor a fim de garantir bons resultados.

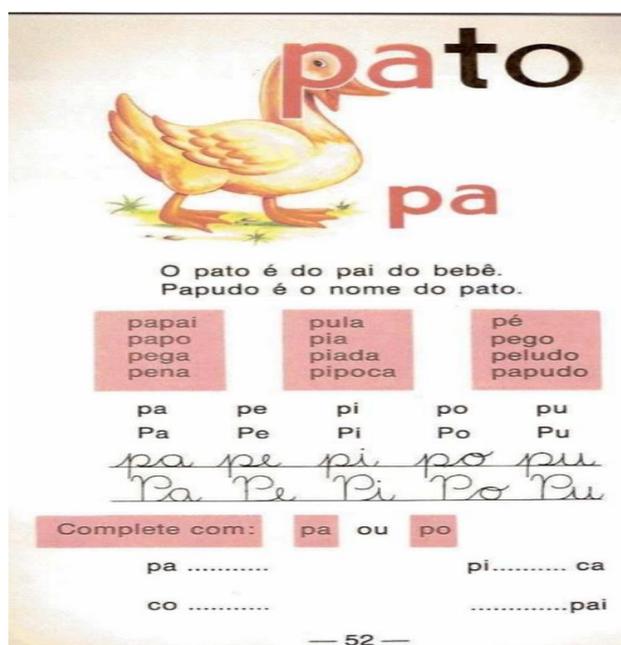
O método sintético parte das menores unidades linguísticas e, em um ritmo de somatória, chega às maiores unidades - fonema, letra, sílaba -, resultando nos processos fônico, alfabético e silábico ou soletração, respectivamente. Já no método analítico, ao contrário, parte-se das unidades maiores, mais significativas, fazendo um exercício de decomposição, para chegar nas menores unidades linguísticas - história, frases, palavras -, gerando os processos global, de sentencição e de palavração, respectivamente. Seja o método sintético ou analítico todos os processos são pautados em fragmentos da língua, com foco no treinamento e não num processo construtivo da aquisição da linguagem,

[...] primeiro aprende as vogais, depois as sílabas até chegar às palavras e às frases, para daí por diante construir textos. Como o que importa é a montagem silábica, e não os conteúdos surgem frases com poucos sentidos do tipo “O rato roeu a roupa do rei de Roma” ou “A menina gosta de rosa e boneca” (RIBEIRO, 2013).

Esses métodos baseiam-se na associação de estímulos visuais e auditivos, valendo-se da memorização. Assim, o nome da letra pode ser associado à forma visual e com elas se formam palavras, frases isoladas. Não se dá atenção ao significado. Trata-se de um processo árido, com poucas possibilidades de despertar o interesse para a leitura, que pressupõe uma separação radical entre alfabetização e a construção do significado (CARVALHO, 2009).

O exemplo da Figura 1 pode ajudar a ilustrar a prática pedagógica decorrente desses métodos, cujo principal recurso centra-se no uso das Cartilhas:

**Figura 1** - Exemplo do método analítico, processo de palavrção.



Fonte: Lima (2008, p. 52)

A Figura 1 mostra uma lição retirada da cartilha "Caminho Suave", de Branca Alves de Lima, que teve sua primeira edição em 1948 e por décadas foi a mais adotada pelos alfabetizadores. Coerente com o processo de palavrção, a imagem é usada para facilitar a memorização, ou seja, a aprendizagem. A lição apresenta duas frases e uma lista de palavras, seguidas das sílabas: pa – pe – pi – po – pu. As atividades de fixação consistem em pedir às crianças que completem as palavras usando uma das sílabas indicadas. Na aprendizagem por repetição, parte da memorização e da mecanização, a criança apenas repete

o que vê e o que lhe é dito. Toda a sequência da lição evidencia a base teórica behaviorista inserida nesta prática tradicional de alfabetização.

A prática pedagógica dos tradicionais métodos de alfabetização segue uma lógica mecanicista e de memorização, codificar e decodificar, repetir e copiar, com foco na forma da escrita, no treino ortográfico e não na compreensão: aprender a ler é apenas transcrever códigos.

## 1.2 A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: REINVENTANDO A ALFABETIZAÇÃO

Na evolução dos estudos e pesquisas sobre a alfabetização, a proposta construtivista nasceu contrapondo-se com as bases teóricas dos métodos de alfabetização que dominaram esse cenário por décadas. Em meados da década de 1980, a pesquisadora Emília Ferreiro apresentou os resultados de sua pesquisa sobre a construção da língua materna pela criança, deslocando o foco da alfabetização do treinamento, para a construção do sistema de representação da escrita. Nascia o construtivismo na alfabetização.

Ferreiro fundamentou sua proposta na teoria de Jean Piaget sobre a origem e a construção do conhecimento pelo próprio sujeito da aprendizagem. Para Piaget, a criança aprende na interação indissociável com o objeto, no caso da alfabetização, a leitura e a escrita. Para compreender esse processo de construção do conhecimento pelo sujeito é necessário conhecer o principal conceito de sua teoria: a adaptação, ou equilíbrio. A adaptação é resultado do equilíbrio entre dois processos autônomos do organismo: a assimilação e acomodação (CASTANHEIRA, 2007).

De acordo com Piaget,

A assimilação vai alimentar, através do meio externo, os esquemas (estes se definem por um comportamento que tem estruturas neurológicas relacionadas a eles) já existentes. Objetos ou situações são assimilados a um esquema quando se pode responder a ele usando uma aprendizagem, um conhecimento. Assim, a criança, quando se defronta com novas experiências, tenta assimilar essas novidades às estruturas cognitivas que já possui. [...] A acomodação acontece quando a criança, diante de uma determinada situação, não consegue assimilá-la, ou seja, não existe uma estrutura cognitiva que assimile a nova informação em função das particularidades da mesma, então ela cria um novo esquema ou modifica um esquema existente (realiza a acomodação) (PILETTI; ROSSATO, 2018, p. 69-70).

Compreende-se então, que entre a assimilação e a acomodação deve existir um equilíbrio. Na assimilação, a criança generaliza o conhecimento a fim de transferi-lo para outras situações. Entretanto, quando o meio oferece novas informações, diferentes daquelas estruturas já adquiridas, ela tenta modificar essas estruturas a fim de acomodá-las. Esse processo é denominado por Piaget de adaptação, ou seja, houve um equilíbrio.

Contudo, esse processo não ocorre por uma aprendizagem passiva ou mecânica - há um “conflito cognitivo”. Na tentativa de equilibrar, encontrar respostas, a criança “erra” e esse “erro” não é o mesmo da aprendizagem tradicional que configura a “não aprendizagem”. Pelo contrário, demonstra um processo construtivo, implica em “erros construtivos”, portanto necessários à evolução da aprendizagem.

A proposta construtivista acredita que a criança aprende a ler lendo, e a escrever escrevendo. A leitura e a escrita caminham juntas e uma depende da outra para ter significado. Ao contrário da abordagem tradicional, no construtivismo são processos concomitantes.

Emília Ferreiro, ao fundamentar seus estudos na teoria de aprendizagem de Piaget, sem dúvida mudou os rumos da alfabetização, do foco meramente da decodificação, para a chamada psicogênese da língua escrita, isto é, o que a escrita representa e como representá-la.

Emília Beatriz Maria Ferreiro Schavi nasceu em Buenos Aires, Argentina, no dia 5 de maio de 1936. Dedicou seus estudos à psicolinguística, visando descobrir como uma criança aprende a ler e escrever. No final dos anos 60, formou-se em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Fez o doutorado na Suíça, sob a orientação de Jean Piaget, dentro da linha de pesquisa inaugurada por Hermine Sinclair, que Piaget chamou de Psicolinguística Genética.

Em 1979 mudou-se para o México na companhia do marido, o físico e epistemólogo Rolando García. Neste mesmo ano, publicou o livro, “*Los Sistemas de Escritura em el Desarrollo del Niño*”, em coautoria com Ana Teberosky.

A publicação, em 1982, da obra “*Nuevas Perspectivas Sobre los Proceesos de Lectura y Escritura*”, foi resultado das pesquisas realizadas com mais de mil crianças, em coautoria de Margarida Gómez Palácio.

Ferreiro publicou diversas obras que reúnem estudos, pesquisas, experiências na área de alfabetização realizadas na Argentina, Brasil, México e Venezuela, dentre elas destacam-se "*La Alfabetización en Proceso*" (1985) e "*Psicogênese da Língua Escrita*" (1986).

Como forma de criticar o ensino puramente mecanicista, e definindo a alfabetização como um processo de construção, segundo os pressupostos piagetianos, renegando a visão associacionista de corrente behaviorista, a pesquisadora procurou afastar-se do modelo tradicional de alfabetização:

[...] o modelo tradicional associacionista da aquisição da linguagem é simples: existe na criança uma tendência à imitação (tendência que as diferentes posições associacionistas justificarão de maneira 10 variada), e no meio social que a cerca (os adultos que a cuidam) existe uma tendência a reforçar seletivamente as emissões vocálicas da criança que correspondem a sons ou pautas sonoras complexas (palavras) da linguagem própria desse meio social (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 21).

Para ela "a obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito, isto significa que o ponto de partida de toda aprendizagem é o próprio sujeito" (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 29).

O objetivo da alfabetização, segundo a pesquisadora, é restituir a língua escrita a seu caráter de objeto social e deve ser apresentada como uma prática histórica, como um grande instrumento social e não tem fim em si mesmo. Para fazer a distinção entre a codificação e a representação, é fundamental mostrar à criança a função social da escrita, a necessidade de aprender a ler e escrever, que a escrita tem uma função social.

Tudo isso leva a afirmar o papel do alfabetizador, um profissional crítico e que tenha formação sólida, conhecimentos científicos que a área exige para atender tais objetivos. As pesquisas de Ferreiro devem ser objeto de estudo, pois podem ajudar os alfabetizadores a responder ao processo de aquisição da linguagem pela criança, o que a escrita representa e como representá-la. Reconhecer os diferentes níveis de escrita e respeitar os modos de organização da língua escrita. A diversidade dos níveis de escrita deve ser usada pelo professor a favor do desenvolvimento de todo o grupo. O alfabetizador precisa ter repertório para interpretar e compreender o nível de conceituação e as hipóteses das crianças para pensar sua prática.

Uma grande colaboradora dos estudos e pesquisas de Ferreiro é Ana Teberosky. Ferreiro e Teberosky (1985) apresentaram a língua escrita em cinco níveis, cada um deles apresenta uma fase de evolução com base no que a criança já sabe. O primeiro nível denominado de Pré-silábico possui nível I e nível II. No nível I a criança ainda não percebeu que a escrita é fonográfica, ela não consegue fazer a relação escrita-som. Possui traços imitativos de um padrão de letra (cursivo ou bastão), conhecido como as garatujas.

No nível II, a criança ainda não consegue fazer a relação escrita-som, porém já sabe que existe uma convenção social de escrita e que para significados diferentes, a forma de escrita deve ser distinta. Isso é conhecido como realismo nominal. Neste nível a criança já conhece o nome próprio e começa a usar as letras do nome.

Um grande salto revela o terceiro nível, o Silábico. A criança começa a fase da fonetização pelo agrupamento sonoro (agrupamento das sílabas). Ela passa a estabelecer relação entre escrita-som, a percepção é silábica e ela usa critério quantitativo, ou seja, passa a empregar um valor sonoro (que também é qualitativo). A criança faz uma leitura fragmentada e usa uma letra para cada sílaba.

No nível Silábico Alfabético, quarto nível, a criança faz a relação escrita-som. A diferença deste nível para o silábico é que a criança já consegue acomodar o valor sonoro. Ela percebe a coexistência de duas hipóteses, ora silábica, ora alfabética (ao mesmo tempo).

No quinto nível, o Alfabético, a criança estabelece a relação letra-fonema (grafofônicas) sem preocupações ortográficas.

Após vencer esses níveis, buscando compreender o que a escrita representa e como representá-la, chegará à etapa que avançará pela sua escolaridade, a ortografia. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985)

As pesquisas que se contrapõem a abordagem tradicional, não se limitam evidentemente à psicogênese da língua escrita. Destacam-se, também, os estudos de Luria na perspectiva histórico cultural de Vygotsky, que compreende o desenvolvimento como um processo decorrente de mediações de instrumentos e signos.

Luria e Vygotsky (1988) defendem a leitura e a escrita como um sistema simbólico equivalente à linguagem oral. É necessário ajudar (mediações) a

criança a internalizar esse novo tipo de linguagem, e não somente ensinar-lhe a parte mecânica do processo. O domínio da linguagem pela criança é o ápice de um longo processo de desenvolvimento de funções complexas. Para entender como esse processo acontece, faz-se necessário estudar toda a história do desenvolvimento dos signos nas crianças, investigar de forma científica a pré-história da linguagem escrita, mostrar o que leva uma criança a escrever, mostrar os pontos importantes pelos quais esse desenvolvimento passa e qual sua relação com o aprendizado escolar.

Em virtude da complexidade das pesquisas de Vygotsky e Luria, e considerando os limites do presente trabalho investigativo trataremos de aprofundar os estudos sobre a alfabetização como um processo de compreensão do sistema de escrita da língua materna pela criança, seu esforço para compreendê-la e representá-la, até chegar à ortografia, na perspectiva da psicogênese.

Nas palavras de Ferreiro e Teberosky (1989) “não é possível, em um sistema alfabético de escrita, conceber que a criança aprenda a ler e escrever sem compreender como funciona o princípio alfabético”.

Não se trata de regredir aos tradicionais métodos e processos de alfabetização, mas, ao contrário, trata-se de compreender que existem estratégias adequadas para o desenvolvimento desse trabalho e também do processamento da aprendizagem da consciência fonológica.

Não devemos ter uma visão equivocada da alfabetização, tratando-a como mera codificação e decodificação. Os objetivos da alfabetização devem ser mais amplos, deve-se alfabetizar para ler o que os outros produzem, mas também para que a capacidade de “dizer por escrito” esteja mais democraticamente distribuída.

Emília Ferreiro considera que a alfabetização tem como objetivo restituir a língua escrita em seu caráter de objeto social e deve ser apresentada como uma prática histórica e como um grande instrumento social e que não tem fim em si mesmo. “A alfabetização pode e deve contribuir para a compreensão, difusão e enriquecimento de nossa própria diversidade, histórica e atual” (FERREIRO, 2010, p. 55).

Para ela, é fundamental fazer a distinção entre a codificação e a representação. Para isso propõe um ambiente motivador, alfabetizador, que

possa mostrar para a criança a função social da escrita, a necessidade de aprender ler e escrever, e que cada escrita tem uma função social. Para isso os alfabetizadores precisam conhecer e reconhecer os diferentes níveis de escrita, de produção de textos e respeitar os modos de organização da língua escrita. A diversidade dos níveis de escrita deve ser usada pelo professor alfabetizador a favor do desenvolvimento do grupo. (FERREIRO, 2010)

A autora ressalta a importância da materialização dos objetos sociais (textos), o suporte de escritas reais. A criança busca o conhecimento e o alfabetizador deve oportunizar por meio de seu trabalho a escrita espontânea (construtiva), isto é, permitir que as crianças escrevam como sabem, enquanto ele promove sua ação pedagógica, crítica, interpretativa.

No próximo capítulo, respaldado pelo estudo teórico, compreende-se que essas estratégias poderão favorecer o alfabetizando a construir o princípio alfabético e que, uma vez entendida a natureza desse sistema, a criança, avançará de forma mais confiante e reflexiva no domínio e compreensão do sistema de escrita da sua língua materna.

## **CAPÍTULO 2 – COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA MATERNA PELA CRIANÇA**

### **2.1 A CONSTRUÇÃO DO PRINCÍPIO ALFABÉTICO: CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, CONCEITOS E HABILIDADES**

Defendemos que alfabetizar é uma tarefa que demanda estudo, conhecimento, autonomia, criatividade, tempo, atenção, dedicação, compromisso do professor. Essas tarefas podem ser entendidas como triviais para a prática da alfabetização. É claro que a alfabetizadora pauta seu trabalho por elas mas, na realidade, nem sempre podemos afirmar que é assim. Sem correr o risco de generalizar, ainda existe uma grande parcela de alfabetizadores que se sentem seguros quando estão apoiados em modelos e guias, considerados “nortes” para sua prática pedagógica, e ratificando a introdução desse trabalho alguns são ecléticos, por opção ou total desconhecimento.

Esses alfabetizadores podem não ter preocupação (ou conhecimento) para pensar, repensar e criar sua prática, para contribuir para que o aluno possa compreender a lógica da escrita. Ensinar e aprender a ler e escrever, por meio de cópia e memorização, tem sido o caminho mais fácil, por décadas. A alfabetização entendida como um processo de apropriação, compreensão, construção da língua materna, do sistema de escrita alfabético, deverá ser respaldada por um trabalho sistemático que realmente contribua com o alfabetizando no entendimento das regularidades, irregularidades, no uso e funções da língua.

Essa prática poderá ganhar consistência empregando estratégias diversificadas de trabalho com textos reais, escritas familiares e significativas às crianças, atividades que possam favorecer o desenvolvimento da consciência fonológica. Essas estratégias possibilitam ao alfabetizando fazer o caminho inverso do tradicional: primeiro ele compreenderá a escrita enquanto função social, criará hipóteses à medida que constrói sua consciência fonológica e, por fim, será capaz de escrever e perceber os “erros” cometidos.

O alfabetizando precisa compreender que a língua é um sistema de representação, e como um sistema ele precisa compreender que traços sobre o

papel representam a língua e que essa língua é representada por letras do alfabeto.

Como foi visto, Ferreiro compreende que a construção da língua materna passa pelo princípio alfabético e adverte que não pode confundi-lo com o tradicional processo fônico, pois possuem fundamentos totalmente adversos. Quando se trabalha com o processo fônico é realizado um treinamento, já o princípio alfabético é decorrente da natureza da língua materna, a língua portuguesa, que é uma língua de base alfabética e não fônica. Isso é fundamental, pois o alfabetizando para compreender o que a escrita representa e como representá-la estará compreendendo que as palavras são formadas por um conjunto de letras do alfabeto, para isso deverá construir o sistema de escrita alfabética.

Quando ele desenvolve a consciência fonológica, consegue elaborar melhor suas hipóteses sobre a construção da escrita e o alfabetizador deverá compreendê-las, empregar seu conhecimento acerca do que está ocorrendo na aprendizagem do aluno, acompanhá-lo, ajudá-lo até que ele consiga compreender e construir cognitivamente o princípio alfabético e caminhar no processo da construção da escrita.

Segundo Adams *et al* (2005, p. 103), "[...] compreender como funciona o princípio alfabético depende de se entender que todas as palavras são compostas por sequências de fonemas. Isso não é muito diferente de entender que as frases são compostas de sequências de palavras, e estas, por sua vez, de sílabas. "

O princípio alfabético tem por base a identificação dos fonemas, a percepção sonora e a consideração de que as letras revelam os fonemas. Os fonemas não se revelam por si só. Se o alfabetizador não trabalhar com cada um para que aluno possa identificar a relação letra-som, tornando essa aprendizagem audível, ela não irá conseguir desenvolver a consciência fonológica.

Segundo Morais (1996, p.163),

[...] não só porque, dadas as convenções da ortografia, muitas palavras não correspondem de maneira biunívoca a fonemas, mas também e sobretudo porque o fonema não é um segmento de fala e precisa ser descoberto. A representação fonêmica como código da fala, e como classe de fones (independentemente do fato, por exemplo, de que os marseheses e os parisienses pronunciam o "R" de maneira diferente)

só é descoberta no momento da aprendizagem do alfabeto. Aprender o alfabeto, portanto, é também aprender um código de fala. Segue-se necessariamente que, para aprender a ler, é crucial aprender o código alfabético e conseguir automatizar o processo de conversão grafofonológica.

De acordo com Lemle (1987), a transcrição fonética, mais conhecida como decodificação, vai na contramão do desenvolvimento da consciência fonológica. Na primeira, acontecem com muita frequência, palavras como "macaco", "prato", "tudo", se transformarem em "macacu", "pratu" e "tudu", ou, como ainda ocorre às palavras com a letra "e": "escola" – "iscola"; "ontem" – "ontí"; "triste" - "tristi".

Já na segunda, na consciência fonológica, há uma compreensão oral que desempenha um papel muito importante no decorrer da aprendizagem da escrita. Durante o processo de alfabetização, o alfabetizando deve interagir com a escrita de forma direta, por meio de textos reais e de vários gêneros e também com textos orais, auxiliando o desenvolvimento da consciência fonológica e na relação entre escrita-som, para conseguir analisar e descobrir as grafias correspondentes a cada fonema.

Quando o aluno compreende o processo da relação som-fala-escrita, ele está relacionando duas consciências, a fonológica e a metalinguística, marcando o início do seu processo de escrita.

[...] consciência metalinguística envolve reflexão consciente sobre vários aspectos da língua, análise ou controle intencional desses vários aspectos – fonologia, semântica, morfossintaxe, discurso, pragmática, indo além dos processos normais conscientes de produção ou compreensão. (KARMILLOF-SMITH et al *apud* SOARES, 2019, p. 125)

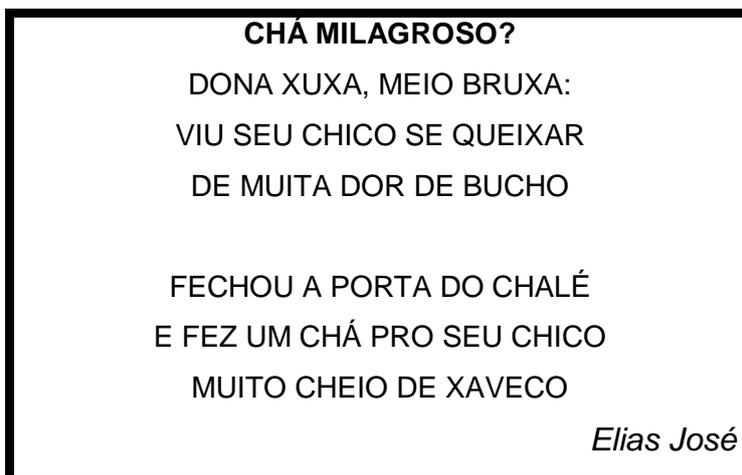
Quanto à consciência fonológica, o documento do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, PNAIC, diz que:

A consciência fonológica o conhecimento acerca da estrutura sonora da linguagem, desenvolve-se nas crianças ouvintes no contato destas com a linguagem oral de sua comunidade. É na relação dela com diferentes formas de expressão oral que essa habilidade metalinguística se desenvolve desde que a criança se vê imersa no mundo linguístico (BRASIL, 2013, p. 4).

Esse mesmo documento ratifica os estudos acerca das sub-habilidades da consciência fonológica: consciência das palavras, consciência fonêmica, consciência silábica, rimas e aliterações. Em cada uma dessas sub-habilidades, é possível trabalhar uma série de atividades diversificadas e criativas.

Ainda com base neste documento, a **Consciência de palavras** é a capacidade de segmentar as frases em palavras e estabelecer uma relação entre elas. As atividades que envolvem gêneros textuais, como os poemas, podem ajudar os alfabetizando a perceber melhor essa relação. Por exemplo:

### Atividade 1 - Diferentes gêneros textuais



Fonte: (IDEIA, 2015)

Na atividade, a professora poderá:

- ler cuidadosamente o poema, título, autor, entonando pontuação, expressando bem as palavras;
- conversar, contextualizar o que está escrito no poema;
- dentre outras atividades significativas e criativas, a própria consciência das palavras solicitando que os alunos identifiquem todas as palavras escritas com a letra “x” e com o grupo “ch”, contornando com lápis de cores diferentes;
- contar quantas palavras foram coloridas;
- ler as palavras coloridas e **analisar** o que elas têm de semelhante.

Na **consciência silábica** o aluno já consegue segmentar as palavras. Essa habilidade irá desenvolver a sua consciência fonológica, sua capacidade de **análise e síntese**. Por exemplo:

## Atividade 2 - Poema "As Borboletas"

<p style="text-align: center;"><b>AS BORBOLETAS</b></p> <p>BRANCAS AZUIS AMARELAS E PRETAS BRINCAM NA LUZ AS BELAS BORBOLETAS.</p>	<p>BORBOLETAS BRANCAS SÃO ALEGRES E FRANCAS.</p> <p>BORBOLETAS AZUIS GOSTAM MUITO DE LUZ.</p> <p>AS AMARELINHAS SÃO TÃO BONITINHAS!</p> <p>E AS PRETAS, ENTÃO... OH, QUE ESCURIDÃO!</p> <p style="text-align: right;"><b>Vinícius de Moraes</b></p>
--	---

Fonte: Moraes (1970)

Na atividade, a professora poderá:

- a) ler cuidadosamente o poema, título, autor, entonando pontuação, expressando bem as palavras;
- b) conversar, contextualizar o que está escrito no poema;
- c) depois de identificarem o título e o tema, uma ótima sugestão é explorar bem a análise e síntese da palavra geradora “borboleta”, desenvolvendo assim a consciência silábica, como: determinar o número de sílabas sem bater palmas, ou com palmas, escandindo as sílabas, organizar as sílabas em fichas para decompor (análise) da palavra bor-bo-le-ta, contar quantas sílabas tem a palavra, contar quantas letras foram necessárias para formar as sílabas e quantas sílabas para formar a palavra(síntese). Atividades de **análise e síntese** são fundamentais na construção do princípio alfabético;
- d) continuando as atividades de análise, pedir aos alunos que repitam as sílabas: BOR-BO e compare o som perguntando esse BOR é igual a esse BO quantos sons tem BOR e quantos sons tem o BO quantas e quais letras precisamos para representar BOR e quantas temos para representar BO; o que tem de igual e o que tem de diferente;
- e) continuando: vamos ler a palavra BOR BO LE TA ! Vamos continuar.... e agora LE e assim sucessivamente até chegar a síntese;

- f) poderá ainda contar quantas sons, letras e sílabas tem a palavra BORBOLETA;
- g) classificar as letras em vogais e consoantes;
- h) pensar em uma palavra para cada sílaba explorada, fazendo que o aluno amplie seu campo de conhecimento e ao mesmo tempo desenvolva a sua consciência silábica.

Durante todo o processo de análise e síntese, há necessidade de ajudar os alunos a ouvir e a perceber os fones nas palavras, utilizando atividades como pronunciá-las constantemente e os sons de forma muito clara e vagarosa, escandindo as sílabas, ou pedir às crianças que pronunciem as palavras e sons em voz alta, para favorecer a construção da aprendizagem.

Adams *et al* (2005) observam que essas atividades de **análise** precedem as atividades de **síntese**, por exigirem um exercício cognitivo menos complexo. A consciência silábica é uma estratégia que permite a **análise e síntese**, ampliando bem o desenvolvimento da consciência fonológica e a construção do princípio alfabético.

**As rimas e aliterações** correspondem à relação fonema-som entre palavras, sílabas ou fonemas. A aliteração é quando ocorre a repetição de consoantes ou de sílabas – principalmente tônicas – em duas ou mais palavras, dentro do mesmo verso, frase ou estrofe. Abaixo veremos:

### Atividade 3 – Trava-língua

PAGA O PATO, DORME O GATO.  
FOGE O RATO, PAGA O GATO.  
DORME O RATO, FOGE O PATO.  
PAGA O RATO, DORME O PATO.  
FOGE O GATO, PAGA O PATO.  
*Domínio Popular*

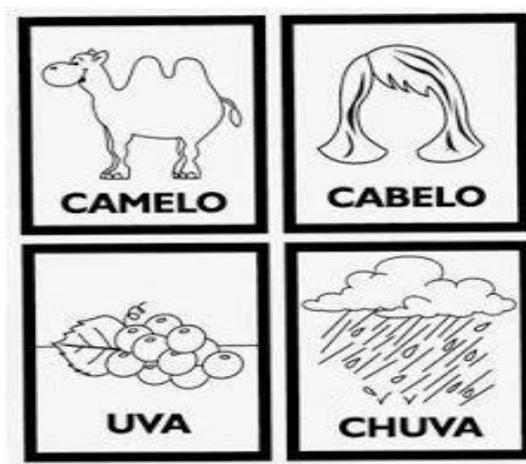
Fonte: PROINFÂNCIA (2014)

Na atividade, a professora poderá:

- a) ler cuidadosamente o trava-língua, título, entonando pontuação, expressando bem as palavras;

- b) ler o trava-língua para os alunos e explorar as possibilidades de comparar sons que existem nas várias palavras que terminam com o mesmo som. PATO – GATO – RATO. O que elas tem de igual? Como representar os sons? Quais letras (análise)?
- c) sem atividades de “modelos” para professora e sem atividades “mecânicas” para os alunos, o recado é: criar, explorar, ir e vir sobre as análises e síntese das palavras ajudando os alunos pensar sobre e construir o princípio alfabético.

#### Atividade 4 – Jogo da memória de rima



Fonte: AMIGA (2015)

Na atividade, a professora poderá:

- a) pedir para os alunos identificarem quais as sílabas das palavras que rimam e como eles fizeram essa associação;
- b) criar e explorar, pois na consciência fonêmica o aluno já desenvolveu a capacidade de fazer uma análise completa da palavra, fazendo uma identificação e discriminação de fonemas, já realizando composição e decomposição de palavras.

### Atividade 5 - Parlenda

**ERA UMA BRUXA**  
 À MEIA-NOITE  
 EM UM CASTELO MAL-ASSOMBRADO  
 COM A FACA NA MÃO  
 PASSANDO MANTEIGA NO PÃO

Fonte: FREITAS (2011)

Como gênero infantil, a parlenda permite explorar o sentido, a emoção, imaginação.

Na atividade, a professora poderá:

- a) ler cuidadosamente a parlenda, expressando bem as palavras;
- b) ler simultaneamente com os alunos;
- c) contar quantas palavras tem na parlenda;
- d) qual a palavra maior? Qual a menor? Como descobrimos (várias análises)?
- e) como identificar as palavras maior e a menor (pelas sílabas ou pelos sons)?
- f) explorar bem o desenvolvimento da consciência fonológica e silábica por análise e síntese, como BRUXA - quantos sons tem BRU (3 sons) Xa (2 sons). Portanto, cinco sons, vamos contar? E agora como estão representados, quantas sílabas?
- g) quantas palavras com duas sílabas e quantos sons?
- h) fazer acróstico com a palavra BRUXA.

Essa atividade faz com que o aluno perceba o espaço entre as palavras, consiga ter a noção de números ao contar quantas, fones, letras para representar cada palavra, o acróstico explora seus conhecimentos e sua criatividade, dentre tantas outras possibilidades.

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: O QUE O PROFESSOR PRECISA SABER

Como já visto, nossa língua é de natureza alfabética, compreendida como um sistema de signos, representados por letras do alfabeto brasileiro, língua

materna. Entretanto, o professor deve conhecer a relação fonema-grafema na composição das palavras e como isso é construindo inteligentemente pelo aluno.

Para Cagliari (2009, p. 36), o professor deve entender a importante contribuição que a linguística prestará a sua prática. “A linguística é o estudo científico da linguagem. Está voltada para a explicação de como a linguagem humana funciona e de como são as línguas em particular.”. Afirma ainda que o professor precisa saber que a linguística é composta por: Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica e Pragmática.

O autor define a Fonética como o estudo dos sons da fala nas mais variadas situações da vida, analisando todas as possibilidades de sons que o homem pode “apropriar” à palavra. Por exemplo: "escada" = "iscada"; "tudo" = "tudu"; "arroz" = "arroiz"; etc. Esse conhecimento poderá ajudar o alfabetizador compreender os “erros” de transcrição fonética, apontada anteriormente por Lemle (1987).

Na Fonologia estudam-se os sons da língua em seu sistema de comunicação e fazemos a associação dos elementos fônicos que o distingue da mesma língua. Por exemplo: "sábia", "sabia" e "sabiá".

Já a Morfologia é a forma das palavras e/ou as suas combinações dentro de uma estrutura para a formação de uma frase. O morfema representa a menor sequência dentro de uma palavra. Seria como “dividir” uma palavra, para obter uma sequência de sons e/ou significados. Por exemplo: "trabalh-" "**oso**–" trabalhoso. "Trabalh" – deriva do verbo trabalhar.

Na Sintaxe, devemos colocar as orações em uma ordem para que as palavras ocupem um contexto, em um tipo de construção. Por exemplo: "Pega a roupa no varal." / "No varal, pegue a roupa."

A Semântica preocupa-se com o conceito, com o significado e com a ideia do que será dito, e para alcançar o sentido é preciso atender as regras textuais da linguista, buscando coerência e coesão. Por exemplo: **Manga** – pode ser fruta ou parte da camiseta; **Banco** – pode ser uma instituição comercial financeira ou um lugar para sentar; **Cabo** – pode ser cabo de faca, cabo de vassoura ou cabo posição policial; etc.

A Pragmática é um o ramo da linguística que estuda o contexto da comunicação, da linguagem no cotidiano, quais são as circunstâncias e suas finalidades. A linguagem hoje não é usada somente como um meio de

comunicação, mas como um meio de filosofia, imposição e manifestação, e esses modos de usar a linguagem são a área da Linguística chamada de Pragmática.

Os professores alfabetizadores precisam compreender o processo de alfabetização baseado nas concepções de alfabetização, bem como na Linguística, usando as funções fonológicas, e elaborar atividades que facilitem o processo de aprendizagem, que auxiliem o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Quando o aluno já construiu o sistema de representação da escrita, passa a cometer seus primeiros “erros”, suas primeiras hipóteses de natureza ortográfica, tentando associar os sons da fala, através de símbolos fonéticos, ou seja, das letras do alfabeto.

Os exemplos mais comuns de transcrições fonéticas são:

- O aluno, ao escrever a palavra "casa" com a letra "k" – "**k**asa". Se formos pensar de maneira lógica e pelo pensamento fonético, ele não estaria errado, pois o som que representa a letra c na palavra "casa" é a letra "**K**";
- As palavras "carro" - ['karu] e "caro" - ['karu], podem causar confusão pelos sons serem quase idênticos, porque as duas palavras possuem a letra "r" entre as vogais. Se a professora não conseguir trabalhar a diferença entre os sons de uma para outra, pode haver a confusão fonética e a escrita ortográfica errada.
- Quando se tem duas vogais em vez de uma, por usar na sua pronúncia um ditongo; por exemplo: "rapaiz" (rapaz), "nois" (nós).

Quando o aluno faz o uso indevido das letras, ele ainda não conseguiu adquirir a consciência fonológica como um todo. Assim podem ocorrer: "deneiro" (dinheiro), "xata" (chata), "coando" (quando), "cei" (sei) ...

Interessante é a hipercorreção, muito comum quando o aluno já conhece a forma ortográfica e quer aplicar uma regra única para todas as palavras que conhece, para escrever “certo”. A professora só consegue perceber isso se avaliar várias atividades do aluno. Ela não pode tirar por base que o aluno faz a hipercorreção avaliando somente uma ou duas atividades. Por exemplo: **dece** (disse), **sootou** (soltou), **jogol** (jogou).

Quando o aluno modifica a estrutura segmental das palavras, ele tem dificuldade em reconhecer os sons das letras e/ou das palavras, e acaba trocando as letras, por supressão ou acréscimo na hora da escrita. Algumas letras são sonoras, possuem vibração das pregas vocais. Outras já são consideradas surdas, que são letras que tem baixas vibrações vocais. Um exemplo é a troca de letras: **voz** (foi), **bida** (vida), **anigo** (amigo); ou acréscimo de letras: **macao** (macaco), **Sosato** (susto).

O aluno, avançando na construção ortográfica, começará a escrever textos espontâneos, podendo praticar a juntura intervocabular ou a segmentação. O aluno junta demais ou dá pouco espaçamento entre as palavras, ou fica inventando espaço onde não existe, dificultando a compreensão do texto. Por exemplo: **a gora** (agora), **a fundou** (afundou), **euamoela** (eu amo ela).

Uma vez que o aluno constrói o princípio alfabético, ele desenvolve a consciência da representação do fonema, os signos da fala que são afixados no papel por signos escritos (letras), contudo constrói a consciência silábica que representa a consciência da palavra. Quando isso acontece, ele sofre a transição para a escrita ortográfica.

## CAPÍTULO 3 – ALFABETIZAÇÃO EM PROCESSO: A SALA DE AULA

Pensar a sala de aula não é uma tarefa empírica. Ela também requer conhecimento com foco nos objetivos da ação pedagógica, de modo a que possa favorecer o processo de ensino e aprendizagem.

Neste capítulo, pretende-se apresentar propostas de organização da sala de aula a partir do ambiente alfabetizador, bem como algumas sugestões de atividades visando contribuir com a sistematização da escrita e leitura para além do tradicional.

### 3.1 AMBIENTE ALFABETIZADOR

A sala de aula é um ambiente onde os alunos se sociabilizam – exercitam regras de boa convivência -, e se socializam, isto é, onde os alunos trocam saberes e não saberes. A lógica desse processo é clara: onde não há regras de bom convívio, respeito, diálogo, também não há espaço para socializar saberes, dificuldades, escutas, isto é, aprender a ouvir para responder. Tudo isso leva a compreender que as relações de confiança que se estabelecem entre os atores desse processo são fundamentais para o seu sucesso.

A sala de aula é assim o *locus* do processo de ensino e aprendizagem, local onde a professora deverá organizar seu trabalho pedagógico a fim de favorecer a aprendizagem, ou caso contrário poderá comprometê-la. Para isso deverá observar o ambiente de aprendizagem evitando um ambiente estruturado, rígido, fixo. (CASTANHEIRA, 2007)

O ambiente estruturado é aquele que é organizado com carteiras alinhadas, fixas. As atividades são pautadas nos livros didáticos e sem variações de estilos. Podemos reportar as atividades mecanicistas das cartilhas como referência.

Pensar num ambiente alfabetizador é pensar num ambiente não estruturado, que permita flexibilidade, que seja móvel e não rígido, onde as carteiras possam ser reorganizadas para atender os objetivos, a professora possa caminhar entre os alunos, etc. Este ambiente deverá ser idealizado para propiciar inúmeras oportunidades para o aluno interagir com a leitura e a escrita. A professora poderá utilizar de vários materiais impressos, como panfletos,

embalagens, placas, anúncios, jornais dentro outros, a literatura infantil, material didático confeccionado por ela própria com o intuito de auxiliar o processo de alfabetização.

De acordo com Teberosky,

[...] um ambiente alfabetizador é aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos digitais ou em papel um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que usa a todo o momento esses escritos, que faz circular ideias que eles contêm, é chamada alfabetizadora. Permitindo desta maneira, a inserção da língua escrita no cotidiano do alfabetizando, sejam por meio de revistas, jornais, gibis, livros, cartazes, das palavras na lousa, ou de situações cotidianas, como outdoors, letreiro de ônibus ou metrô, caixas eletrônicos etc. (GENTILE, 2018)

Ao pensar a sala de aula a fim de favorecer o processo de ensino e aprendizagem, vários elementos e componentes devem ser organizados pela alfabetizadora. Não só o ambiente físico deve ser observado, mas sobretudo o ambiente interacional, isto é, a qualidade da interação, a sociabilização entre os atores. A professora deverá desenvolver uma prática pautada no respeito mútuo, na escuta, ouvir seus alunos e respondê-los, enfim permitir que eles se sintam incluídos, sem medo de perguntar, participar. (CASTANHEIRA, 2007)

A seguir, serão apresentadas algumas sugestões para compor um ambiente alfabetizador, participante, com exemplos de como os elementos podem ser explorados nesse processo.

### **3.1.1 Chamada**

As atividades de escrita sistemática podem começar com a escrita do próprio nome das crianças. Os nomes podem aparecer em letras maiúsculas e minúsculas, em letras caligráficas e tipográficas, a fim de ampliar as informações sobre estilos de grafias e permitir que construam hipóteses avançando no processo de aquisição da língua materna. Confrontando seu nome com os dos demais colegas, analisando as letras, os sons, as semelhanças e diferenças, as crianças passarão por “conflitos cognitivos” e vão construindo hipóteses sobre a representação da escrita (Figura 2).

**Figura 2 - Sugestões de quadros de chamada**

Quadro geral em ordem alfabética

1.	ANA	Ana
2.	CAROLINA	Carolina
3.	MOACYR	Moacyr
4.	WALTER	Walter

Quadro Meninas e Meninos

Meninas		Meninos	
1.	CAROLINA	1.	BRUNO
2.	FABIANA	2.	MOACYR
3.	MARIANA	3.	WALTER

Fonte: elaborados pela autora

A professora poderá explorar de maneira criativa o quadro de chamada, sem perder o foco nos estudos teóricos. Assim ela poderá diversificar os trabalhos empregando os mesmos recursos, sugere-se:

- Pedir aos familiares para que enviem uma foto do aluno. Com esta foto, elaborará a chamada como o nome do aluno ao lado da foto. Trabalhar de forma de diferentes formas a fim de que os alunos possam identificar cada um. Compare os nomes explorando ao máximo as possibilidades de construção de hipóteses, comparações entre as letras, sons, etc. Também as fotos, as diferenças e semelhanças entre elas e entre os alunos o que poderá contribuir também para o respeito às diversidades;
- Colocar todos os nomes da chamada em uma caixa para sorteio. Cada aluno ao tirar um nome identificará o colega e daí seguirá com várias atividades orientadas pela professora: solicitar que diga a letra que começa o nome que ele tirou, se é igual à letra que começa o seu nome, se tem outros colegas que iniciam com a mesma letra, identificar a letra no alfabeto afixado no ambiente alfabetizador, relacionar o som com a letra e sucessivamente empregar as possibilidades que a atividade proporciona na construção do princípio alfabético.
- Também poderá pedir para que os alunos comparem o seu nome com o do colega, contando a quantidade de letras e sílabas. O nome que o aluno tirar, se o colega estiver presente, pedir para que o aluno que

tirou o nome coloque na chamada que estará fixada na parede se faltou poderá deixar o crachá desse coleguinha sobre a carteira. É uma atitude importante para despertar amizade, fraternidade, pois, se o colega faltou, o que será que ocorreu? A professora poderá convidá-los para escrever um bilhetinho para ele, sendo ela escriba, e afixar no quadro de avisos para que ele leia quando estiver presente, neste caso aprendizagens estarão ocorrendo, como: a função social da escrita; também as palavras deverão ser escritas sob a indagação da professora, como: tal palavra se escreve com qual letra, vamos ouvir a palavra, vamos procurar a letra aqui no alfabeto afixado na parede?

- Com a chamada na parede, a professora poderá colocar de um lado o desenho com o nome das meninas e meninos. Ao explorar poderá colocar os meninos e meninas em ordem alfabética, também poderá colocar os nomes menores para os maiores e vice-versa, sempre perguntando, acionando as possibilidades de empregar a teoria a sua prática;
- Poderá deixar uma repartição para colocar números, exemplo: na nossa sala de aula tem 30 alunos, vamos separar quantos são os meninos e quantas são as meninas? Hoje, faltou alguém? Quem, quantos? Faltou mais meninos ou meninas, vamos contar? Qual a operação que vamos fazer para saber quanto somos hoje?
- A cada dia, ou cada semana poderá ser realizada uma chamada diferenciada de forma que possa trabalhar o alfabeto, explorando a ordem alfabética dos nomes, outras trabalhar masculino e feminino, ou então colocar os nomes em ordem crescente e decrescente (indagar bem os sons, as letras representantes);
- Construir crachás que ficarão numa caixa. Poderá usar um dia o crachá com letra tipográfica, com o tempo possa estar inserindo o nome completo dos alunos. Com uma ficha maior, bem escrito o nome completo para ser colocado sobre a carteira para que os alunos possam utiliza-lo em diferentes atividades, inclusive na hora de fazer o cabeçalho;

- Poderá fazer um crachá em forma de triângulo, dobra a folha em três, de um lado coloca o nome em tipografia maiúscula, na outra só a primeira maiúscula e depois a cursiva, A mesma ideia poderá ocorrer com a utilização do quadro de nome um dia poderá usar a letra tipográfica maiúscula para que o aluno possa ter contato com diferentes tipos de letras, caligráfica e tipográfica. Essas variações permitirão o aluno estabelecer relações entre sons e letras, suas formas e avançar na aprendizagem conforme a execução do planejamento da professora.

A professora tem assim a oportunidade de mostrar para seus alunos, que o nome tem uma função social. Como já visto, na sala de aula, a chamada serve como um repertório linguístico, que funciona com um aparato escrito e fonológico, que permite que os alunos conheçam muitas letras e sons por meio dos nomes e desenvolva a sua escrita de forma significativa.

Neste processo a professora desempenhará papel fundamental, pois deverá compreender as hipóteses construídas pelos alunos, empregar seu conhecimento acerca do que está ocorrendo na aprendizagem e acompanhá-los, orientá-los até que eles consigam compreender e construir cognitivamente o princípio alfabético e o processo da escrita.

### **3.1.2 Meses do ano, calendários mensal e semanal**

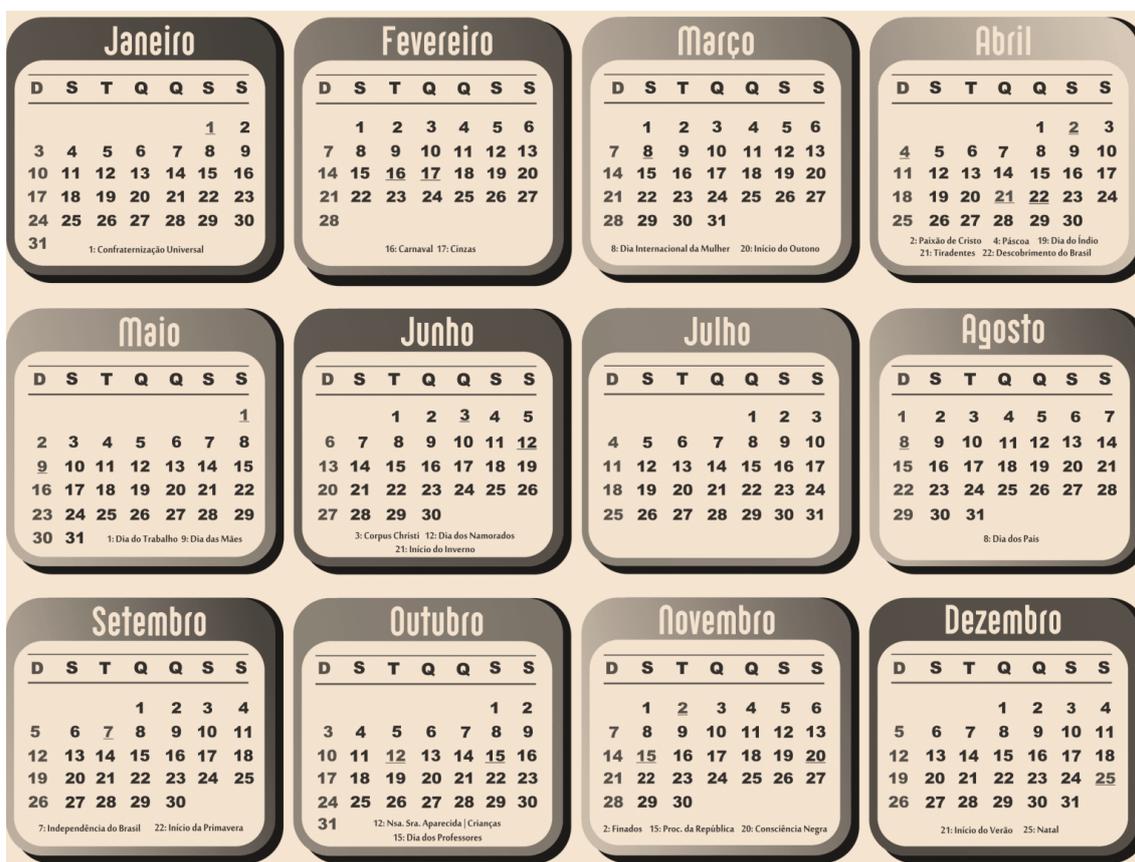
A alfabetização requer que do educador associe o conhecimento ao bom ânimo de produzir, criar. O trabalho interdisciplinar poderá contribuir significativamente com este processo. Assim, o planejamento poderá integrar saberes dos doze meses do ano, com o calendário anual, isto é, o calendário tradicional, bem como integrá-los a cada um dos dozes meses em suas particularidades, utilizando do calendário mensal. As Figuras 3 a 5 mostram exemplos dessa proposta.

Figura 3 - Meses do ano

1	Janeiro
2	Fevereiro
3	Março
4	Abril
5	Maio
6	Junho
7	Julho
8	Agosto
9	Setembro
10	Outubro
11	Novembro
12	Dezembro

Fonte: elaborado pela autora

Figura 4 - Calendário Anual tradicional



Fonte: <https://feriadocalendario.com.br/calendario-2021/>

Figura 5 - Calendário mensal



Fonte: <https://www.cantinhoeducativo.com.br/2021/08/calendario-colorido-2021-setembro.html>

A professora poderá explorá-los de diversas maneiras e de forma integrada. Algumas sugestões:

- Ao trabalhar os **doze meses** do ano, os alunos poderão contar um a um, mostrando qual é o primeiro mês, o segundo mês, e assim sucessivamente até o último, sempre fazendo relação que o primeiro mês é (1) é janeiro, o segundo é fevereiro (2) até dezembro (12);
- Ainda, nos meses do ano, a professora poderá ir fazendo a leitura dos meses e ir associando as várias possibilidades do próprio contexto da sala. Assim, em cada mês poderá perguntar: é mês de férias?... Tem alguém que faz aniversário neste mês?... Vamos consultar o cartaz dos aniversariantes?... Nossa tem uma coleguinha que fará

aniversário dia 10/03, que mês será esse?... Vamos ver qual é o mês 3?... e assim sucessivamente relacionando as diversas possibilidades;

- Para integrar os calendários, será importante explicar a diferença entre eles: o ano é muito longo, são doze meses, já os meses são menores do que um ano, são de 30 ou 31 dias, ou até 28, às vezes 29 dias, e as semanas são bem menores do que o ano e os meses. E um dia é curto ou é longo? Todas essas explicações devem ser amparadas pelos calendários que estarão afixados no ambiente físico, compondo o ambiente alfabetizador. É uma proposta para ser desenvolvida paulatinamente. Cada dia, cada semana avança um pouco, recapitula, volta a contextualizar, caminha com segurança e explorando as inúmeras possibilidades de escrita, leitura, criar e explorar códigos, e alfabetizar empregando conhecimento e possibilidades;
- Ao trabalhar o **calendário anual** é interessante mostrar como os calendários são feitos, quando os meses começam e quando terminam;
- Explicar como é feita a divisão dos anos, meses e semanas.
- Mostrar aos alunos a diferença das quantidades de dias entre um mês e outro e que os meses não começam sempre no mesmo dia da semana;
- Explicar os dias da semana e como eles são definidos, porque cada dia possui um determinado número ordinal para defini-los e como se dá essa sequência semanal.
- Chamar atenção para as datas comemorativas para os alunos adquirirem conhecimento, marcá-las empregando signos também é interessante;
- Explicar qual o primeiro dia da semana e o último.
- Ao explorar o **calendário mensal** problematizar com os alunos se todos os meses tem a mesma quantidade de dias, convidá-los para explorar o calendário perguntando quantos dias tem o mês que estamos em que dia nos estamos e quantos dias ainda faltam para terminar o mês? Vamos fazer uma operação de adição ou subtração?

- Perguntar quantas semanas tem o mês que estamos e quantas faltam para terminar o mês? Como vamos encontrar essa resposta?
- Trabalhar quais são os meses sucessores e o antecessores. Convidar os alunos a voltarem nos doze meses do ano.
- No calendário anual, poderá explicar quais os dias que estão em destaque – domingo, feriados.
- Poderá propor um ajudante por dia, para que marque no calendário semanal qual dia do mês que se encontra e qual o dia da semana. Sempre fazendo leitura, comparações, levantando hipóteses.
- Quando houver algum aniversariante no mês, pedirá para que o ajudante do dia marque no calendário usando uma estrela (um signo) e que todos os alunos observem que aniversário se realiza apenas uma vez ao ano e que é uma data especial.
- Os ajudantes podem seguir a ordem do quadro de chamada ou a professora poderá pensar em outras variações para incluir todos os alunos nesta atividade; esse ajudante deverá mudar a placa com o nome do mês todo dia primeiro de cada mês e todos os dias atualizar o calendário semanal, o que exigirá recuperar os demais calendários;
- Trabalhar com eles a escrita das datas, consultando o dia e o mês;
- Poderá integrar neste trabalho o cartaz das estações do ano;
- A variação de atividades que esse trabalho possibilita permite desenvolver a consciência fonológica, como por exemplo: comparar os meses junho e julho e mostrar que ambos têm cinco sons e duas sílabas, perguntando qual é a diferença entre eles, tanto na fala quanto na escrita. Utilizando o quadro de chamada também poderá explorar a consciência fonológica. Supondo um aluno com o nome de Júlio e o mês de julho realizar levantar hipóteses, as comparações a fim de que os alunos avancem neste processo.

Ratificando os estudos, a professora, ao integrar os meses do ano aos calendários, poderá contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica e silábica dos alunos usando o nome dos meses, dos dias da semana e dos números. Conforme ela for ensinando como nomear o dia e o mês, ela poderá,

ao mesmo tempo, explorar por meio da consciência fonológica e silábica, a diferenciar o nome de cada mês, o nome de cada dia da semana, para depois explicar a eles como se dá à escrita.

Durante todo esse processo, a professora poderá empregar situações do cotidiano para os alunos interagirem com a escrita e a leitura. Desta forma a professora auxiliará na relação tempo e espaço, trabalhando datas festivas, significativas e contextualizadas, sempre atenta às possibilidades dos alunos analisarem e descobrirem as grafias correspondentes a cada fonema.

Como futura alfabetizadora compreendo que elaborar o calendário é uma tarefa simples e poderá ser realizada empregando materiais de fácil acesso, como: cartolinas, ou papel pardo, Velcro, Canetão, Régua. Com o papel grande, por exemplo, pode confeccionar o calendário, com o auxílio da régua e do canetão. Basta dividir os dias da semana, e/ou meses do ano e o quadro que mostra o ano e o mês do ano. Com o auxílio do velcro poderá fazer os dias do mês e/ou os meses do ano e uma estrela (um signo) quando tiver um aniversariante, os alunos poderão marcar no calendário o dia do seu aniversário.

### 3.2 ALFABETO MÓVEL

Trata-se de um recurso bastante simples de elaborar e rico de possibilidades. Se integrado as atividades já apresentadas, será ainda mais eficiente. Com tampinhas de garrafa pet, basta recortar o alfabeto e os próprios alunos podem colar as letras nas tampinhas confeccionando o seu material. Poderão guardar em caixinhas aprendendo a dispor o espaço conforme o objeto.

A professora poderá desenvolver inúmeras atividades empregando esses recursos, a saber:

- Com o auxílio das letras do alfabeto móvel, apresentar todas as letras do alfabeto para seus alunos.
- Depois de apresentar todas as letras, ler em voz alta e com o auxílio do alfabeto móvel irá trabalhar em grupo o nome dos alunos.
- Após elaborar o nome de cada aluno, comparar o nome deles explorando sons e letras representativas, desenvolvendo a consciência fonológica e silábica e comparar também o tamanho dos nomes.

- Pedir para que os alunos se agrupem, dividam as letras do alfabeto e cada grupo monta os seus respectivos nomes.
- Atentar que os nomes começam sempre com letra maiúsculas.

Como visto no Capítulo 2, Emília Ferreiro acredita que o aprendizado começa a partir do próprio sujeito, representado, aqui, por seu nome próprio. Com a utilização do alfabeto móvel a professora perguntará aos alunos com que letra o nome dele começa, poderá fazer comparações grafofonêmicas e depois com o auxílio do mesmo montar os nomes deles e fazer comparações. Sempre enfatizando consciência fonêmica, a representação das letras, a consciência da silábica.

### 3.3 ATIVIDADES DIVERSIFICADAS

O ambiente alfabetizador poderá também empregar gêneros textuais: parlendas, músicas, poemas, trava-línguas, que podem estar afixados nas paredes, quando possível. Também podem ser explorados em atividade escritas nos cadernos. A professora deverá estar atenta ao planejamento e aos objetivos quando se propuser a trabalhar com esses recursos, pois são inúmeras possibilidades de construção da leitura e escrita, bem como interdisciplinar.

#### 3.3.1 Poema

A Figura 6 traz o poema "O Grilo Grilado", de Elias José (1982).

Com ele, poderão ser impressas as estrofes separadas, também o título e o nome do autor, distribuídos aleatoriamente a oito grupos de alunos da sala de aula, pois o poema possui seis estrofes e mais o título e o nome do autor.

#### Figura 6 - O Grilo Grilado

O Grilo Grilado
-----------------

O grilo,  
coitado,  
anda grilado,  
e eu sei  
o que há.

Salta pra aqui,  
salta pra ali.  
Cri-cri pra cá,  
cri-cri pra lá.

O grilo,  
coitado,  
anda grilado  
e não quer contar.

No fundo,  
não ilude,  
é só reparar  
em sua atitude  
pra se desconfiar.

O grilo,  
coitado,  
anda grilado  
e quer um analista  
e quer um doutor.

Seu Grilo,  
eu sei:  
o seu grilo  
é um grilo  
de amor.

Fonte: JOSÉ (1982)

- Explicar qual é o gênero textual, o que vem antes de começar o texto, o que é o título e a sua importância e o nome do autor. Entregar uma cópia do poema para cada aluno.
- Organizar o ambiente em círculo e a professora poderá apresentar o texto para os alunos fazendo a leitura em voz alta.
- Chamar atenção para o título, o que significa grilo; está no plural ou singular?
- A professora poderá explicar como ele é elaborado e explicar o que é estrofe e versos.
- Quantas estrofe e quantos versos tem o poema?

- Depois de toda a exploração do texto, a professora fará uma nova leitura, em voz alta, com a entonação para que os alunos vivenciem essa prática de leitura do poema e a partir desta leitura explorem o conteúdo.
- Qual é o som que o grilo faz?
- Trabalhar o espaçamento entre as palavras.
- Mostrar como é feita a pontuação durante todo o poema e dar ênfase nas pausas que os pontos fazem na hora da leitura.
- Explorar as rimas e os encontros vocálicos e encontros consonantais.
- Explicar o que é encontro consonantal?
- A professora poderá pedir aos alunos com o texto na carteira, pedirá para ler no texto é encontrar os encontros vocálicos e encontro consonantais, a professora com ajuda de todos, vamos então circular os encontros vocálicos e os encontros consonantais.
- A professora pedirá o aluno para escrever no caderno os encontros vocálicos e encontro consonantais.
- Comparar quais são as palavras maiores e menores do poema.
- Trabalhar com os alunos os conhecimentos prévios sobre o poema e tentar fazer com que eles façam inferências e deduções sobre o assunto.
- Organizar com a ajuda dos alunos a ordem do texto na cartolina ao lado da cópia do texto que estará fixada no quadro giz, para que cada grupo coloque a parte do texto que ficou responsável.
- Leia um trecho do poema “o grilo grilado” de Elias Jose.

Salta pra aqui,  
Salta pra ali.  
Cri-cri pra cá,  
cri-cri pra lá.

- Nesse trecho encontre rimas, escrevas essas palavras no caderno.
- No verso “**salta para aqui**”, escreve junto ou separado?
- Quantos sons tem a palavra “**cri-cri**” que o grilo faz?
- A professora pedirá para o aluno que enumere no texto as palavras que tenha os mesmos significados.

- Com ajuda da professora leia o trecho do poema “O **grilo grilado**”. Agora encontre no texto a palavra **grilo grilado** e circule.

No processo de análise e síntese, os trabalhos de Cagliari (2008) e Ferreira (2010) ressaltam a necessidade de ajudar os alunos a ouvir e a perceber os fonemas das palavras de forma muito clara e vagarosa, escandindo as sílabas de forma a favorecer a construção da aprendizagem.

A consciência silábica é uma estratégia que permite a análise e síntese, ampliando bem o desenvolvimento da consciência fonológica e a construção do princípio alfabético. Segundo Lemle (1987, p. 29), “para cada som numa dada posição, há uma dada letra; a cada letra numa dada posição, corresponde um dado som.” A atividade tem variação e não é mecânica como os métodos tradicionais.

"O Grilo Grilado" distingue-se dos textos das cartilhas, que costumam apresentar textos fragmentados ou listas de palavras sem sentido. A mera memorização ou decodificação não contribuem para o trabalho da consciência fonológica e silábica, necessário para o desenvolvimento do processo de alfabetização.

### 3.3.2 Grupos Semânticos

Além da riqueza do ambiente alfabetizador, outras atividades devem contribuir com a sistematização da escrita e leitura. Trabalhar com grupos semânticos é uma dessas possibilidades.

A professora poderá trabalhar a lista de ingredientes para uma salada de frutas. Convidará os alunos para um diálogo, desenvolvendo a escuta e ampliando o conhecimento dos alunos sobre frutas. Depois poderá executar o papel de escriba listando, com o auxílio dos alunos, os ingredientes para a salada de frutas: maçã, laranja, banana, mamão, abacaxi e kiwi. Desta forma, ela acompanhará a construção de hipóteses sobre a escrita, ajudando a representar cada som com a letra representante: ler, reler, ouvir, escandir as sílabas e assim sucessivamente.

**Abacaxi** - A – ba – ca – xi

- Essa palavra é grande ou pequena?
- Vamos escrevê-la? (Pedir para os alunos ditarem as letras)
- Quantas sílabas possui a palavra abacaxi?
- Quantas letras tem essa palavra?
- Quantas vezes abrimos a boca para falar BA e CA?
- Quantas vezes abrimos a boca para falar XI?
- Como vamos escrever XI?

### **Banana** Ba – na – na

- Quantas letras tem essa palavra?;
- Quais os sons que se repetem? Vamos ouvir?
- Como representá-los?
- Quais letras se repetem?
- Quantas vezes abrimos a boca para falar essa palavra?

### **Kiwi** Ki - wi

- Explicar que as letras W e K são letras estrangeiras e podem possuir um ou mais sons. A letra W é considerada consoante ou vogal conforme o uso, na palavra KIWI ela tem o som de vogal, atribuindo o som da letra U. A letra K corresponde, em português, ao som do C ou QU como na palavra Kiwi [Quiwi].;
- Quantos sons possui essa palavra? Como representa-los. Vamos ditando para a professora?

### **Laranja** La – ran – ja

- Essa palavra é grande ou pequena?
- Quantas letras tem essa palavra?
- Quantas vezes abrimos a boca para falar “RAN”? Tem quantos sons? Como representá-los? Vamos ditar a letras para a professora?
- O JA tem som de G, mas se escreve com J. Explicar que existem palavras que também se escrevem com G e tem sons de J.

### **Maçã** Ma - çã

- Essa palavra é grande ou pequena?
- O “Ç” tem som tem o som de “SS” e nunca pode iniciar palavras.
- Como se pronuncia a sílaba “ÇÃ”? Quantas vezes abrimos a boca e quantos sons têm?

**Mamão** Ma – mão

- Ela começa com a mesma letra da maçã?
- Quantas sílabas ela tem?
- Explicar a diferença entre o “Ã” de maçã e o “ÃO” de mamão;
- Perguntar qual fruta poderia substituir o mamão, que também termina com “ÃO”;

Durante as atividades, a professora poderá pedir aos alunos para escreverem simultaneamente a lista no caderno, podendo absorver de forma mais significativa as relações entre sons e letras, por se tratar de uma atividade de sistematização de análise e síntese.

Concluindo o terceiro capítulo fica evidenciado que o ambiente alfabetizador precisa ser compreendido não é só como o ambiente físico, mas também é um ambiente interacional. A relação entre os atores, escuta, diálogo, troca, contribuem com o processo de alfabetização, que não necessita de guias, cartinhas. Também foi observada a importância de planejar atividades diversificadas visando de forma mais específica a sistematização de leitura e escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo, na história da educação, acreditou-se que alfabetizar era uma ação única, feita com repetição, sem levar em conta as várias capacidades da criança de viver este processo de forma dinâmica. Um trabalho que considera as habilidades da linguagem de forma significativa, do conhecimento e da construção do princípio alfabético. Essa visão equivocada tem sido superada, graças à evolução dos estudos sobre a aquisição e o domínio da língua materna.

Desde o nascimento, a criança é inserida em um mundo letrado, onde a presença da língua materna é viva e contínua. Antes de ser alfabetizada, a criança identifica a linguagem escrita em seu meio social e familiar, seja em revistas, anúncios, rótulos, livros e outros materiais que a rodeiam. Quando inicia o processo de alfabetização, carrega em suas estruturas mentais diferentes hipóteses que ajuda a contruir seus conhecimentos.

A alfabetização, é um direito da população e estudar esse processo certamente dá mais segurança para atuar em sala de aula e alfabetizar crianças no início da vida escolar ou em outro momento de sua vida, pois o ensino da leitura e da escrita é fundamental na vida escolar e em todos outros espaços.

Com este trabalho de pesquisa, percebemos que a criança precisa se fundamentar na oralidade para que ocorra o processo da escrita. Ou seja, para aprender a ler e escrever, precisa entender a relação entre a fala e a escrita, saber o sistema de regras da escrita. Trata-se de um sistema complexo na educação, pois necessita de acompanhamento, estudos, observações e todo cuidado que nós, professoras, devemos ter para garantir o direito de todas as crianças de ler as palavras e ler o mundo em sua volta.

Ainda que seja um estudo inicial sobre o tema, este trabalho procurou avançar na percepção de que o processo de alfabetização, na educação formal das crianças, necessita de uma série de práticas plurais que garantam as condições básicas para apreender e de dominar a leitura e a escrita. A criança não constrói sua aprendizagem somente na oralidade - precisa ter um ambiente que proporcione, de acordo com cada subjetividade, a sistematização nas atividades da leitura e da escrita.

Esse ambiente não é só físico, nem se restringe a uma sala de aula, mas que proporciona a interação, a oportunidade de acesso a materiais pedagógicos, incentivo à curiosidade, às sociabilidades e a outros elementos que compõem o processo de alfabetização sem cartilha, métodos, reprodução de cópia, rigidez e outras práticas que ignoram a capacidade da criança de construir um mundo de leituras amplas e necessárias.

Visualizando a trajetória desse trabalho, fica a clareza de que um alfabetizador precisa ter base teórica e que a sua formação política será o divisor de águas para uma prática pautada na alfabetização enquanto processo de compreensão do sistema de escrita da língua materna pela criança.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Marilyn J. et al. **Consciência Fonológica em Crianças Pequenas**. Porto Alegre: Artmed-Bookman, 2005.

AMIGA DA EDUCAÇÃO. **Jogo da memória das rimas**. 2015. Disponível em: <<http://amigasdaedu.blogspot.com/2015/04/jogo-da-memoria-das-rimas.html?m=1>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CP n. 2**, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica.

Disponível em:

<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE\\_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf)>. Acesso em: 18 abr 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC, 2013.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e Letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CASTANHEIRA, Salete Flores. **Estudo etnográfico das contribuições da sociolinguística à introdução ao letramento científico no início da escolarização**. 320f. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília - Faculdade de Educação. Brasília: 2007.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua escrita**. Porte Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREITAS, Marly. Meu Cantinho Preferido - blog. **Parlenda "A bruxa"**. 26 mar. 2011. Disponível em:

<<https://cantinhopreferidodamah.blogspot.com/2011/03/parlenda-bruxa-sequencia-de-atividades.html>>. Acesso em: 12 set. 2021.

GENTILE, Paola. Ana Teberosky: "Debater e opinar estimulam a leitura e a escrita". **Nova Escola**, n. 251, 07 mar. 2018. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/251/ana-teberosky-debater-e-opinar-estimulam-a-leitura-e-a-escrita>. Acesso em 07 de setembro de 2021.

IDEIA CRIATIVA. **Atividade Sílabas Complexas X e CH**. Lipitipi. 28 maio 2015. Disponível em: <<https://www.lipitipi.org/2015/05/atividade-silabas-complexas-x-e-ch-texto-auto-ditado.html>>. Acesso em: 03 set. 2021.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **INAF BRASIL 2018 - resultados preliminares**. Disponível em: <[https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018\\_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares\\_v08Ago2018.pdf](https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf)>. Acesso em: 10 abr 2021.

JOSÉ, Elias. **Um pouco de tudo: de bichos, de gente, de flores**. São Paulo: Paulinas, 1982.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1987.

LIMA, B. A. **Caminho Suave**. São Paulo: Edipro, 2008.

LURIA, Alexander Romanovich et al. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988. p. 143-89.

MORAES, Vinicius. **As borboletas**. 1970. Disponível em:  
<<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/borboletas>>.  
Acesso em: 21 ago. 2021.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: EDUNESP, 1996.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da Aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo**. São Paulo: Contexto, 2018.

PROINFÂNCIA BAHIA. **Trava-Línguas**. 2014. Disponível em:  
<<https://blogproinfanciabahia.files.wordpress.com/2014/05/trava-lc3adnguas.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

RIBEIRO, Márcia. L. M. Alfabetização e seus métodos. **Pedagogia ao pé da letra**. 6 abr. 2013. Disponível em:  
<<https://pedagogiaaopedaletra.com/alfabetizacao-e-seus-metodos/>> Acesso em: 15 mar. de 2021

SOARES, Magda. **Alfabetização: A questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2019.